

## [EDITORIAL]

## O MODELO PSICANALÍTICO EM QUESTÃO

## tensões com as ciências humanas e com a filosofia ricoeuriana

As contribuições aqui reunidas sob o título *O modelo psicanalítico em questão: tensões com as ciências humanas e com a filosofia ricoeuriana* constituem o resultado de diversas pesquisas em filosofia e psicanálise, suas inter-relações, influências, implicações e, sobretudo, tensões. Os trabalhos selecionados neste *Dossiê* são oriundos das atividades realizadas em 2021 pelo *Grupo de pesquisa Subjetividade, Filosofia e Psicanálise*, que desde de 2020 publica anualmente os resultados de suas pesquisas. Os esforços se concentraram particularmente em três eixos – *Filosofia das ciências humanas, História da filosofia da psicanálise e Estudos de filosofia ricœuriana* –, três linhas de pesquisa do *Grupo*, cuja convergência entre si ocorre em virtude da proximidade de certos núcleos de problemas filosóficos relacionados ao modelo psicanalítico, notadamente o modelo freudiano.

O leitor encontrará diferentes abordagens filosóficas e múltiplas perspectivas de análise da variada temática apresentada pelo *Dossiê*. São quatorze artigos científicos, três traduções, uma resenha e uma entrevista que reúnem autores nacionais e internacionais, alguns jovens, outros já experientes pesquisadores.

Agradecemos à *Eleuthería – Revista do Curso de Filosofia da UFMS*, pela recepção do *Dossiê*, e também aos autores que dele aceitaram participar. Somos igualmente gratos aos pareceristas da edição, e de forma especial agradecemos a Candice Carvalho, que participou como editora convidada na fase inicial dos trabalhos. Estamos convencidos de que o conteúdo aqui publicado, além de atender aos objetivos de divulgação e de fortalecer o processo de internacionalização dos nossos trabalhos, aprofunda e amadurece não apenas a identidade do *Grupo de pesquisa Subjetividade, Filosofia e Psicanálise*, assim como a nossa prática de pesquisa e o compromisso fundamental com uma reflexão filosófica atuante, aberta e plural.

**Filosofia das Ciências Humanas**

O artigo de Alice Cabanat e Caio Padovan, *Psychanalyse de l'intelligence: intelligence naturelle, intelligence artificielle, intelligence pulsionnelle?* (*Psicanálise da inteligência: inteligência natural, inteligência artificial, inteligência pulsional?*, em tradução livre), abre a nossa seção *Filosofia das ciências humanas*, enfrentando uma difícil questão sobre o processo de pensar e a compreensão da inteligência. Se essa questão já nasceu candente,



como os autores a recuperam das origens da concepção de inteligência na encruzilhada do biológico e do simbólico, ela seguramente continua a ser um tema atual e instigante. Sobretudo devido ao avanço da cibernética, tanto no sentido tecnológico quanto em certa hegemonia discursiva sobre o humano. As chamadas inteligências artificiais desafiam o sentido comum de trabalho intelectual. Os autores partem das proposições de Catherine Malabou e de reflexões de Freud e Luquet, propondo que a psicanálise pode aportar uma compreensão sobre a inteligência humana que passa a ser vista como relacionada à pulsão de saber, algo que as máquinas claramente não possuem.

Em *Pensamentos de quintal: perseverar no sonho e no mito*, Carlos Estellita-Lins sustenta uma retomada dos sonhos e do mito via práticas nativas do pensamento ameríndio, possibilitando uma resistência à midiaticização e a captura dos desejos pelo consumismo. O autor reconstrói o contexto e o diálogo entre Paul Ricoeur e Lévi-Strauss sobre *La pensée sauvage*, descortinando as práticas pensantes e os sistemas metafísico-cosmológicos ameríndios, apresenta o pensamento selvagem em sua versão não domesticada na prática de mitos e sonhos e mostra que é possível pensar um desejo para além do desejo-de-Estado. Nas palavras do autor, “É possível sonhar diferentemente”. As consequências que Estellita-Lins vislumbra para uma renovação da clínica psicanalítica são profundas. Aquela arqueologia espontânea do neurótico, com que a psicanálise sempre lidou no *setting* terapêutico, foi empreendida por outras sociedades fora do dito mundo civilizado da visão eurocêntrica: um empreendimento cultural ameríndio referente aos sonhos e mitos com resultados ainda mais interessantes e por explorar. O autor conclui que o indígena tem muito a ensinar ao branco durante o Antropoceno, sobretudo porque vivemos uma urgência ecológica absoluta, que muito provavelmente passará pelos sonhos e pelos mitos.

Vinicio Busacchi, que teve o seu artigo traduzido do italiano por Rafael Zanata, convida-nos a pensar em *Sobre a “matéria afetiva”: o inconsciente entre a hermenêutica e a fenomenologia*, com uma reflexão sobre os afetos e a afetividade nas dimensões teóricas e terapêuticas da psicanálise. Busacchi prossegue a trilha aberta por Paul Ricoeur para interpretar Freud, combinando a fenomenologia de Husserl e a hermenêutica do filósofo francês, e assim revela uma via mediadora para o dualismo freudiano entre afetos e inconsciente. Freud já havia indicado que o inconsciente é o intermediário entre o somático e o psíquico, e Busacchi faz emergir a perspectiva onde essa dualidade entre o biológico e o existencial se integra e se equilibra. Em sua reflexão, tenta evitar o reducionismo naturalista assim como o idealismo, e, desse modo, reconhece a dimensão neurobiológica do psíquico ao mesmo passo em que destaca a vida e a experiência psicológica na esfera neurobiológica.



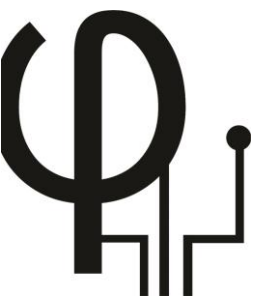
Ao tematizar o estatuto epistemológico da psicologia, Guilherme Germer encerra o eixo *Filosofia das ciências humanas* abordando *A fundamentação de Schopenhauer da psicologia empírica e científica*. O autor percorre os principais textos do filósofo alemão que tratam sobre o tema e, amparado por um fecundo diálogo com a literatura crítica, apresenta o fundamento epistemológico schopenhaueriano da ciência da alma: a psicologia é uma ciência empírica, universal e ética, voltada não apenas à singularidade do humano, mas também à sua complexa diversidade.

### História da Filosofia da Psicanálise

Yonetane Tsukuda faz a abertura do eixo *História da filosofia da psicanálise* se interrogando sobre *O discurso freudiano e o seu dualismo epistêmico-metodológico: o problema da querela dos métodos em psicanálise*. O autor contextualiza as leituras filosóficas da psicanálise relativas à questão do estatuto epistêmico-metodológico do discurso psicanalítico, indicando os problemas de uma compreensão epistemológica da psicanálise baseada no velho dualismo hermenêutica *versus* naturalismo, e defende a alternativa, muito mais promissora epistemologicamente, de que o discurso psicanalítico requer uma articulação entre biologia e cultura, naturalismo e linguagem – linguagem no sentido do vasto campo da reflexão contemporânea, que envolve a análise de questões da mente e das neurociências, por exemplo. Por que, afinal, não aproximar a epistemologia da psicanálise a esses campos?

O artigo *O Eu e sua ambiguidade em Freud: entre a teoria e a técnica* apresenta a hipótese de uma dupla tensão no interior da psicanálise: a tensão representada pela figura conceitual do “Eu”, que padece de uma dúbia condição diante das pulsões – dessexualizado pelas identificações que produz e fortalecido pelos conteúdos do “Isso” e pelos acordos que faz com o “Supereu” e com o mundo externo –, e a tensão metodológica entre teoria e técnica que diretamente daí decorre. Com essa argumentação, Munique Filla estabelece uma análise minuciosa da “teoria do Eu” em Freud, colocando sob uma nova perspectiva (a das consequências da dessexualização) o contraste entre teoria e técnica psicanalíticas.

Nos últimos 25 séculos, a felicidade e a infelicidade têm aparecido como tema da preocupação humana, seja desde a *eudaimonia* aristotélica ou da *upekkha* gotamiana até o olhar psicanalítico de Freud. Em *Uma reflexão sobre a felicidade e infelicidade no processo civilizatório na sociedade tecnológica do século XXI*, Caio Castro centra-se nos conceitos elaborados por Freud em *o Mal-estar da civilização* para refletir sobre felicidade, infelicidade e civilização tecnológica. Ao traçar esse percurso reflexivo, trava contato com



as posições de Heidegger e Simondon para pensar a técnica em nosso século como fator intrínseco ao processo civilizatório. Assim, o autor mostra a atualidade do pensamento freudiano sobre felicidade e infelicidade, propondo que o avanço tecnológico atual é um dos fenômenos que propiciam prazeres e tristezas, justamente porque carrega em si ambiguidades.

*Freud e a misoginia: possíveis leituras a partir de uma epistemologia feminista* mostra o impacto que teve e tem a obra de Freud como objeto de investigações das novas compreensões que a humanidade descobre sobre si. João Ponciano parte da perspectiva de uma epistemologia feminista e procura discutir se a obra do fundador da psicanálise é alheia aos problemas da misoginia ou se é limitada pelos dispositivos do patriarcado. O autor segue o percurso de formação histórico-conceitual da misoginia para, em seguida, pôr em pauta a teoria freudiana do complexo de Édipo. A questão levantada trata de saber se a teoria da sexualidade de Freud é condescendente com a misoginia.

Daniel Severo pretende em *Alguns comentários e observações sobre a obra de Merleau-Ponty e de sua interpretação sobre a psicanálise* esclarecer interpretações correntes no contexto brasileiro de estudos sobre Merleau-Ponty. O autor mostra que há certa interpretação em disputa quanto a um possível rompimento teórico no interior dos trabalhos do filósofo francês. Disputa na qual Severo ingressa e situa o problema na perspectiva do desenvolvimento do pensamento do filósofo. Ele propõe uma nova via, um caminho para lidar com a questão de saber em que medida Merleau-Ponty é um filósofo da consciência. Em meio às disputas interpretativas, o autor costura a tensa relação por meio da qual Merleau-Ponty pensa e interpreta a Psicanálise em diálogo com a Fenomenologia.

Assim como Freud e seu modelo psicanalítico são confrontados com a Fenomenologia, a Teoria Crítica não se furtou ao confronto, como mostra Paula Rech em *A releitura hebermasiana da psicanálise de Freud e seus percalços positivistas*. O artigo finaliza o eixo *História da filosofia da psicanálise* demonstrando como Habermas reencaminha a psicanálise para um projeto emancipatório. Rech esclarece a recepção a Freud feita pelo filósofo alemão, à época de *Conhecimento e Interesse* (1968), compreendendo a psicanálise como um discurso hermenêutico de emancipação capaz de resistir ao positivismo instaurador de patologias sociais.

### Estudos de Filosofia Ricœuriana

Outro olhar que oscila, desde a filosofia, nessa tensão entre diálogo e crítica ao modelo psicanalítico proposto por Freud é o de Paul Ricoeur. Weiny Freitas dá início à nossa seção *Estudos de filosofia ricœuriana*, e embora sua intenção seja discutir



precisamente *A natureza oeuvre do De l'interprétation - Essai sur Freud*, isto é, apreender o significado filosófico maior da interpretação dada por Ricoeur ao modelo psicanalítico de Freud, pode-se ver aí mais amplamente o tratamento geral do tema da recepção filosófica da obra freudiana. Freitas Pinto avança algumas hipóteses de como considerar o que é uma obra filosófica, para propor que a obra *Da Interpretação*, escrita por Ricoeur, merece muito mais de nossa atenção filosófica do que tem recebido desde sua publicação, seja pelo fato da crítica relegá-la à mera exegese de Freud e outros preconceitos epocais, seja por não percebermos a inovação filosófica aí empreendida por Ricoeur.

Ao refletir sobre *La influencia de la obra de Freud en la interpretación ricoeuriana de la huella (A influência da obra de Freud na interpretação ricœuriana do traço*, em tradução livre), Esteban Lythgoe apresenta o argumento segundo o qual entre *Tempo e narração* e *Memória, história e esquecimento*, Ricœur altera sua concepção de história, deixando de apoiá-la na figura dos “traços” ou “vestígios”, concebendo-a a partir da figura da “memória”. A tese do autor é que essa mudança – que faz a dívida do historiador com o passado se voltar para o “testemunho” e não mais para os “vestígios” – pode ser explicada pela convergência entre história e psicanálise no pensamento ricoeuriano.

Convergência igualmente presente em *Estudo sobre a noção de esquecimento na obra de Paul Ricœur*, cuja análise de Rodrigo Souza é a respeito do conceito de esquecimento na filosofia ricoeuriana. Cruzando o tema da memória com a história e com a psicanálise, Souza mostra que a noção de esquecimento em Ricœur nos auxilia a pensar problemas éticos e políticos, não apenas importantes, mas muito atuais.

É com o tema da “atualidade”, do “presente”, que Vítor Costa leva a termo o eixo *Estudos de filosofia ricœuriana*, analisando o difícil problema do presentismo, em *Intensificação da experiência do tempo e ampliação do espaço de experiência: Ricoeur e nosso amplo presente*. Acompanhado de Koselleck e Kundera, o autor busca em Ricœur uma alternativa ética e existencial em face do “paradigma da errância”, característica presentista e fortemente atual em nossa organização cotidiana da vida, do tempo e do nosso espaço de experiência.

Encerrado o *corpus* teórico do *Dossiê*, dividido e apresentado acima, o leitor encontrará ainda três traduções. Caio Padovan e Guilherme Germer assinam dupla tradução: *James J. Putnam, sobre a importância da formação e das perspectivas filosóficas para o desenvolvimento futuro do movimento psicanalítico*, de Theodor Reik, e *Psicanálise e Filosofia. Uma resposta à crítica do Dr. Theodor Reik*, de James J. Putnam. As duas traduções são acompanhadas por longas e ricas notas dos tradutores, e por *Notas*



*introdutórias* mediante as quais Caio Padovan e Weiny Freitas contextualizam o conteúdo dos textos ora traduzidos e assinalam a inserção desses textos no conjunto maior de traduções e publicações anteriores, encerrando, assim, o trabalho de publicação e tradução do primeiro grande debate entre filosofia e psicanálise no interior do movimento psicanalítico. Jeferson Vaz traduz *Do livro de Montaigne*, excerto do filósofo francês Nicolas Malebranche (1638-1712), extraído de sua obra *De la recherche de la verité* [*Da busca da verdade*] (1674/75). A tradução, enriquecida com notas do tradutor, é acompanhada respectivamente por breve *Biografia e Resumo* do autor e texto traduzidos.

Além das traduções, o *Dossiê* apresenta a resenha do livro *Subjetividade, Filosofia e Psicanálise*, CRV, 2021. Amanda Malerba destaca que o título do livro leva o nome do *Grupo de pesquisa* homenageado pela obra por seus dez anos de existência. Dividido em três linhas principais, *História da Filosofia da Psicanálise, Filosofia das Ciências Humanas e Estudos de Filosofia Ricœuriana*, a obra conta com dez capítulos sobre temas e autores diversos, relativos a cada um dos eixos acima, e é considerado pela autora “não somente uma coletânea dos trabalhos de pesquisa, como também um convite para acompanhar os futuros eventos e realizações do *Grupo de Pesquisa Subjetividade, Filosofia e Psicanálise*”.

Por fim, *Teoria crítica e psicanálise: uma entrevista com Amy Allen* conclui o percurso do *Dossiê*. Considerando a contribuição marcante das ideias da filósofa e feminista norte-americana Amy Allen (1970), professora da Universidade Estadual da Pensilvânia, Estados Unidos, Paula Rech *et alii* oferecem-nos um rico e produtivo diálogo com a filósofa. Amy Allen nos dá respostas breves, porém precisas, a amplas questões a respeito de seu pensamento. A entrevista cobre uma temática central do pensamento de Amy Allen, a tentativa de integrar a relação entre crítica social e práxis feminista, inspirando-se no modelo psicanalítico.

Este *Dossiê*, marcado por ampla diversidade teórica e profundidade de conteúdo, evidencia as tensões filosóficas do modelo psicanalítico com as ciências humanas e com a filosofia ricœuriana. Esperamos que ele coloque em questão a nossa capacidade de repensar não apenas modelos, mas principalmente as nossas convicções teóricas, que tantas vezes modelam tão precariamente nossas posições.

Excelente leitura a todos,

*Os Editores,*

*Prof. Dr. Weiny César Freitas Pinto (UFMS)*

*Prof. Dr. Cristian Marques (PUCRS)*

